

EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA: AVANÇOS E PERSPECTIVAS

JUSTINO SARMENTO REZENDE¹, Manaus - AM - Brasil

Introdução

O presente artigo foi escrito para uma participação do Congresso Internacional de Pedagogia Salesiana com o tema: “Com Dom Bosco educadores dos jovens no nosso tempo”², por ocasião do Bicentenário do nosso fundador São João Bosco (1815-2015). Para nós salesianos da Inspeção Salesiana Missionária da Amazônia este é um ano muito especial, pois marca os Cem anos de chegada dos filhos de Dom Bosco aqui em nossa região Amazônica, em particular, na região do rio Negro, onde fundaram as Missões Salesianas entre os povos vinte e três povos indígenas.

1. Educação indígena

A primeira educação que nós povos indígenas recebemos é a educação de nossos pais, nossos familiares e parentes da comunidade. Eles nos acolhem e nos ensinam a *ser gente, pessoa humana* em diferentes fases de nosso crescimento e amadurecimento humano. Nossos educadores nos ensinam os conhecimentos necessários para a construção de nossa vida e do nosso bem viver.

Nós somos povos indígenas contemporâneos, com outras exigências históricas, outros desafios, outros avanços, outras perspectivas, outros sonhos e com outros projetos de vida. Muitos indígenas hoje vivem nos centros urbanos e nesses lugares fortalecem suas identidades e suas tradições. Somos povos do universo, herdeiros dos *modos próprios de cuidar da pessoa humana* que foram *construídos* pelos nossos avós. As nossas vidas e nossa educação passam pelo processo de **criação** e **recriação** dos nossos modos de *ser, fazer, educar, ensinar, aprender e viver* no atual mundo considerado “moderno”, “pós-moderno” e “contemporâneo”.

¹ É indígena do povo Útápinopona-Tuyuka, nascido em 30 de junho de 1961. Possui Mestrado em Educação, pela Universidade Católica Dom Bosco (UCDB), Campo Grande/MS-Brasil; Linha de Pesquisa: **Diversidade Cultural e Educação Indígena**; Área de Concentração: **Formação de Professores**. Possui graduação em **Filosofia** pela Universidade Católica de Brasília (UCB) e em **Teologia** pela Faculdade Teológica Nossa Senhora da Assunção – São Paulo. É diretor da Missão Salesiana de Marauá entre o povo Yanomami. Membro do Conselho Inspeccional da Inspeção Salesiana Missionária da Amazônia.

² Roma, 19-21 de março de 2015.

As nossas *práticas educativas* estão fundamentadas nas nossas *filosofias, teologias, teorias do conhecimento, pedagogias, metodologias de ensino-aprendizagem-vivência e correntes políticas* próprias. Elas dão sustentabilidade às nossas histórias, desde as nossas origens mitológicas, construção de diferentes processos históricos de construção de nossas identidades e diferenças. A nossa educação nos prepara para vivermos bem com as pessoas e com o mundo. A nossa pedagogia indígena acontece na dinâmica de ensinar *mostrando-vivendo-falando* e aprender *vendo-praticando-ouvindo*.

2. Educação escolar

As escolas foram grandes novidades na nossa região do rio Negro. Chegaram com os missionários salesianos no ano de 1915. Elas marcaram profundamente nossas culturas, de tal forma que o assunto da escola faz parte do nosso cotidiano. Desde o surgimento das escolas até meados da década de 1970 nós estudantes vivíamos nos internatos durante o ano letivo. Depois progressivamente diminuíram até acabar no ano de 1988.

No nosso Brasil desde a chegada dos colonizadores (1500) a escola fazia parte do sistema de *colonização, de extermínio, de anulação das identidades indígenas*. Os padres jesuítas eram encarregados pelos descimentos, aldeamentos e construção de colégios próximos dos núcleos coloniais. A escola e a catequese tinham dupla finalidade: *cristianizar e domesticar mão de obra*. Assim acontecia o *processo de destribalização e transformação cultural; planos de civilização dos indígenas e de amansar indígenas*. “Civilizar” significava tornar o índio em *não índio* (“branco”).

Nos internatos salesianos o *clima educativo salesiano* funcionava com *rígidas disciplinas* que geravam *castigos* e causavam muito medo em diversos momentos da nossa vida. Os perfis das escolas salesianas estavam situados dentro da ideologia brasileira: *civilizar e catequizar*. Os salesianos eram grandes empreendedores, construíram grandes escolas para nos *civilizar e cristianizar*. Eles nos alfabetizavam, ensinavam leituras, a falar a língua portuguesa, aprender os ensinamentos ocidentais, formação de civilidades; cursos de profissionalização; esportes, teatros, passeios, etc. Eles nos ensinaram orações, retiros, missas, confissões, novenas em preparação às festas de santos; catequese para sacramentos de primeira eucaristia, crisma. Assim concretizavam a filosofia salesiana de “formar bons cristãos e honestos cidadãos”.

Os nossos pais nos levavam aos internatos e lá os salesianos e os professores nos ensinavam o espírito de *organização, responsabilidade, pontualidade*. A educação salesiana atingia vários aspectos de nossa vida indígena. Os salesianos eram bem presentes na vida dos estudantes, acompanhavam a nossa via em todos os lugares e em cada momento do dia. A educação acontecia no pátio e no campo de futebol. A figura do salesiano estava presente para nos ajudar em nossos bons comportamentos. A *assistência salesiana* ajudava para que o ritmo de nossas vidas caminhasse com serenidade, evitando as brigas entre nós. Havia a educação para a vida religiosa cristã através das celebrações religiosas. Ser educador salesiano significava, naqueles contextos, ser uma presença continuada, eram necessários salesianos de boa saúde e

grande disposição para os trabalhos. Os salesianos eram incansáveis na presença em meio aos alunos, trabalhavam e jogavam futebol conosco.

São histórias que marcaram as histórias de muitos estudantes, rapazes e moças. Eles e elas são, hoje, pessoas adultas: são pais e avós; educadores, professores, gestores (as) das escolas e trabalham nos setores públicos dos governos.

3. Educação escolar indígena no Brasil

O discurso sobre a *Educação Escolar Indígena* é um assunto recente na **História da Educação no Brasil**. Foi na década de 1970 que antropólogos, etnólogos, educadores, pedagogos e alguns indígenas questionaram de forma mais organizada o modelo escolar identificado com a “civilização” dos índios. Reivindicavam uma escola indígena que fosse instrumento de acesso a informações e conhecimentos vitais para a sobrevivência e a autodeterminação dos povos indígenas. O estado brasileiro procurava somente *aculturar e integrar os índios à sociedade envolvente por meio da escolarização*.

A *Constituição da República Federativa do Brasil*, no ano de 1988 defende um novo modelo de educação indígena, centrado em *professores indígenas, no ensino bilíngue, valorização das identidades indígenas*. Assim surgiram princípios da educação escolar indígena: *escola comunitária, diferenciada, específica, bilíngue, intercultural, territorial*, etc. Surge assim *novo marco jurídico* para as relações entre os grupos indígenas, o Estado e a sociedade nacional. Há o *abandono da perspectiva assimilacionista que entendia os índios como uma categoria étnica e social provisória e transitória* apostando na sua *incorporação à comunidade nacional*. Dentro dessa nova perspectiva foi assegurado para nós o *direito à diferença cultural*: sermos índios com nossa organização social, costumes, línguas, crenças, tradições. *Baniu-se* o ordenamento jurídico as categorias de “*aculturados*” e “*civilizados*”; *abandono da perspectiva evolucionista* de uma transitoriedade cultural pelo *reconhecimento da perenidade efetiva dos grupos*; titulares de direitos que independem do grau de contato com a sociedade nacional ou da exibição de características diacríticas. Ganhamos os *direitos da diferença cultural e linguística*, como reconhecidos como *grupos e comunidades* e tratados como *pessoas com direitos e deveres de todo o cidadão brasileiro, de direitos coletivos e especiais*.

A Lei de Diretrizes e Bases (LDB, 1996) da educação brasileira mencionava o conceito *educação escolar indígena* como “*Educação escolar bilíngue e intercultural*” (Artigo 78).

4. Educação escolar indígena no rio Negro

Em nossa região do rio Negro somos vinte e três povos diferentes, por isso, o tema da *Educação Escolar Indígena* não é fácil no nem *discurso e nem na prática educativa*. Por outra parte nós estamos situados numa região onde as escolas já existem há cem anos (1915-2015.). As escolas salesianas formaram numerosas gerações de indígenas.

Na atualidade quase a totalidade de docentes são ex-alunos de escolas salesianas. Eles carregam dentro de si, o espírito salesiano e boas práticas da educação salesiana, como realizar “Bom Dia”, “Boa Tarde” e “Boa Noite” antes de iniciar as atividades escolares.

No final da década de 1990 surge nessa região por iniciativa da Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro (FOIRN) em parceria com o Instituto Socioambiental (ISA) as escolas pilotos, entre o povo Tuyuka – Escola Tuyuka e Escola Pamaáli, junto ao povo Baniwa. São escolas politicamente decididas a serem diferentes das escolas de modelo ocidental. São espaços de muita reflexão, negociação com os pais, alunos, assessores sobre as diretrizes para educação escolar indígena. Elas conseguem experiências exitosas, são escolas pequenas, afastadas das antigas escolas dos missionários. Seus modos de pensar, discursar, sonhar, ensinar, mostram que elas são diferentes. Até o presente momento muitos professores são ex-alunos salesianos. Eles procuram seguir os projetos das comunidades, pais, líderes, alunos e eles mesmos se propõem novos modelos educativos. Os professores mais jovens passam pelo processo bem delicado de desconstrução de saberes, identidades, de compreensão de escola. As assembleias, estudos, assessorias especializadas e curso de magistério indígena lhes ajudam a criar novas mentalidades; outros participaram dos cursos universitários.

Os anciãos, senhoras, pais, líderes, conhecedores e narradores de histórias, de músicas, de técnicas de trabalho exercem um papel muito importante nesse novo de educação escolar. Apesar de sua importância na educação escolar o governo brasileiro não os reconhece como professores, não recebem remuneração; estas realidades criam conflitos de gerações, criam desânimo, indiferença, etc. Os professores destas escolas recentemente fazem cursos de magistério indígena e outros frequentaram e frequentam as Licenciatura Indígena e Licenciatura Intercultural da Universidade Federal do Amazonas (UFAM) e da Universidade Estadual do Amazonas (UEA).

As gerações de escolas indígenas falam e escrevem as suas línguas, organizam seus saberes. Sentem-se como donos da escola, dos saberes, dos conteúdos, etc. A escola é entendida como projeto comunitário, onde os moradores são protagonistas de suas histórias. Trabalham juntos: alunos, professores, pais, os sábios, assessores. Fazem isso desde o momento de pensar, fazer projeto, organizar ações educativas, avaliação, etc. Elaboram currículos flexíveis: baseados nas pesquisas temáticas.

As novas práticas educativas promovem as pesquisas: *aprende-se e ensina-se pesquisando*. Partindo de temas geradores realizam suas pesquisas e organizam a transmissão de saberes. O professor é pesquisador, conselheiro, amigo, orientador, etc. dos alunos. Há valorização dos senhores sábios e senhoras sábias por parte das comunidades educativas. Essas novas escolas influenciam positivamente no entorno regional, nacional e internacional. Influenciaram na política educacional municipal, estadual e federal. Algumas escolas publicam materiais didáticos: CD de música, DVD de trabalhos, livros didáticos, etc. Também realizaram diversos seminários internos, regionais e municipais para discussão sobre educação escolar indígena. A partir da criação das escolas indígenas assumiram a gestão de escolas; criação de associações escolares; implantação de projetos de auto-sustentabilidade.

As histórias da educação do rio Negro apontam também algumas perspectivas para os indígenas contemporâneos: o mundo global nos envolve cada vez mais. Os gostos das crianças, dos jovens e dos pais estão mais voltados para aquilo que parecem mais atrativos, tecnológicos, midiático, etc. Diante disso as escolas indígenas da nossa região terão que saber jogar dentro de seus Projetos Políticos Pedagógicos na valorização do que é próprio das culturas indígenas e o que é próprio das culturas do entorno.

A formação de professores indígenas dará sustentabilidade à Educação Escolar Indígena da nossa região, no campo discursivo e no campo prático. As Escolas Indígenas estão deixando de serem conduzidas pelo Movimento Indígena e pelas ONGs e se municipalizam e estadualizam. Agora é hora dos povos indígenas mostrarem o próprio protagonismo a partir dos conhecimentos adquiridos com assessorias externas e nos diversos cursos.

Os indígenas que estão nos setores públicos devem ser mais sensíveis com as necessidades das comunidades e escolas indígenas. O Movimento Indígena – FOIRN na nossa região do rio Negro precisa assumir o seu papel de controle social, não pode se acomodar.

Conclusão

Em diversas Missões Salesianas nós salesianos continuamos realizando diversas atividades com as juventudes indígenas, principalmente, atendendo seus desafios através das diferentes atividades de Centros Juvenis, Oratório e Cursos profissionalizantes. São cem anos de história comprometida com as causas indígenas. Nesses cem anos de presença também temos o orgulho e alegria de dizer que diversos indígenas seguiram os passos de Dom Bosco, tornaram-se salesianos e atuam em diversas casas da Inspeção de Manaus.

Bibliografia

- BRASIL, *Constituição* (1988): Constituição da República Federativa do Brasil: Texto constitucional promulgado em 5 de outubro de 1988, com as alterações adotadas pelas Emendas Constitucionais n. 1/92 a 35/2001 e pelas Emendas Constitucionais de Revisão n. 1 a 6/94. – Brasília: Senado Federal Subsecretaria de Edições Técnicas, 2002.
- CABALZAR, Aloisio. *Organização social Tuyuka*. USP, São Paulo, 1995 (Dissertação de Mestrado).
- CORDEIRO, Enio. *Política indigenista brasileira e promoção internacional dos direitos das populações indígenas*. Brasília: Instituto Rio Branco; Fundação Alexandre Gusmão; Centro de Estudos Estratégicos, 1999.
- DIAS CABALZAR, Flora (org.). *Educação escolar indígena do Rio Negro – 1998-2001 – re-*

latos de experiências e lições aprendidas, São Paulo: Instituto Socioambiental; São Gabriel da Cachoeira, AM: Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro – FOIRN, 2012.

REZENDE, Eduardo. *Basere*. Onça-Igarapé, 1996. Entrevistas concedida a Rezende, Justino Sarmiento.

REZENDE, Justino Sarmiento Rezende. *Escola Indígena Municipal Ūtâpinopona-Tuyuka e a Construção da Identidade tuyuka*. UCDB (Universidade Católica Dom Bosco), Campo Grande (Dissertação de Mestrado, 2007).

REZENDE, Justino Sarmiento. *A educação na visão de um Tuyuka*, Manaus: Faculdade Salesiana Dom Bosco, 2010.

REZENDE, Justino Sarmiento. *Da escola com os salesianos para a escola indígena*. Apresentado no 15º COLE – “VI Encontro sobre a Leitura e Escrita em Sociedades Indígenas”. Campinas, UNICAMP, Julho, 1995.